

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TAUANI DE AQUINO LACERDA

A Dança de Rua no Rio Grande do Sul a partir da trajetória do Grupo Batida de Rua
de 1997 à 2009.

PORTO ALEGRE

2016

TAUANI DE AQUINO LACERDA

A DANÇA DE RUA NO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DA TRAJETÓRIA DO
GRUPO BATIDA DE RUA DE 1997 À 2009.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Dança da Escola
de Educação Física, Fisioterapia e Dança da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito para a obtenção de Grau de
Licenciado em Dança.

Orientadora: Prof^a Dra^a Mônica Dantas

PORTO ALEGRE

2016

Tauani de Aquino Lacerda

**A DANÇA DE RUA NO RIO GRANDE DO SUL A PARTIR DA TRAJETÓRIA DO
GRUPO BATIDA DE RUA DE 1997 À 2009.**

Conceito Final:

Aprovado em... de..... de

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora – Profa. Dra. Mônica Dantas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho primeiramente à minha mãe Jacira, por acreditar no meu potencial, investindo e encorajando-me todos os dias, não só nessa caminhada, mas em todas as outras escolhas de minha vida. Aos meus avós Alcides e Nair, pelo carinho e apoio desde a minha infância até os dias atuais, firmando a importância de sempre seguir pelo caminho da honestidade e do bem. Ao querido Leonardo Lorenzet, que foi indefinidamente essencial no alcance dos meus objetivos e pela enorme força que me deste desde o início dessa trajetória. Obrigada pela paciência! Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus por permitir estar nessa encarnação, possibilitando-me evoluir e aprender através das experiências proporcionadas no meu dia a dia. Por colocar pessoas de bem na minha vida, anjos, que auxiliaram na minha caminhada, guiaram meus passos e iluminaram meus pensamentos, podendo, desta forma, alcançar os meus objetivos sem perder a fé, a esperança, e o amor em todas as suas formas.
- À minha mãe, que sempre será meu maior exemplo de Mulher, Mãe e Guerreira. Por sempre apoiar minhas escolhas, e guiar com tamanha sabedoria os momentos mais necessários de minha vida. Palavras nunca serão suficientes para contemplar a admiração e gratidão que tenho por você.
- Ao meu irmão que sofreu das minhas inconstâncias emocionais diárias.
- À minha família, onde, cada um, é exemplo em aspectos específicos para minha vida pessoal e profissional. Quando desanimei, pude buscar em vocês a força para seguir em frente. Isso, possibilitou-me recordar que nunca estarei sozinha. O quanto vos amo, e o quanto eu nada seria sem o apoio de vocês, desde o meu nascimento, até os dias atuais.
- À minha amiga-irmã, Andressa Pompermayer, que em todos os momentos felizes e tristes, fez-me lembrar através de suas palavras (principalmente: “Calma!!”), piadas e risadas (até a barriga doer), o quanto a vida é mais. O quanto não devemos perder a esperança e a fé, muito menos deixar de correr atrás dos nossos sonhos. Que Deus sabe o que faz, e temos que dar “tempo ao tempo” para conseguir entender. Dessa! Agradeço-te imensamente por me compreender, pelos conselhos, pela parceria que constituiu momentos e histórias épicas na nossa amizade. Sem a tua energia, paciência e desmedido apoio, essa conquista não seria a mesma. Obrigada, de coração.
- Ao amado e carinhoso Leonardo Lorenzet, pela imensurável paciência com a minha pessoa (amo você).
- Aos meus professores e arte educadores, em especial Getúlio Viana, por introduzir a Dança de Rua em minha vida, inspirar-me pela sua forma de “ser docente”, e por constantemente desafiar minha mente e corpo em cada fala, gesto e aula vivenciada.
- À minha orientadora, Mônica Dantas, por cada aula dada no percurso da faculdade, bem como pela carinhosa atenção em cada orientação pessoal e via e-mail. Minha admiração pela sua grande experiência.
- Ao entrevistado Carlos Nunes, que mesmo com as centenas de empecilhos, conseguimos registrar mais um pedacinho da história da Dança de Rua em nosso Estado. Obrigada!
- Aos meus amigos que, se pudesse, citaria cada um. Porém, prefiro agradecê-los de forma específica, no dia da minha colação de grau!
- A todos os indivíduos que passaram pela minha vida como alunos. Crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Obrigada pela paciência na minha trajetória de constante aprendizado.
- Aos meus alunos da Escola Preparatória de Dança da escola José Loureiro da Silva, por fazerem lembrar o quanto me motiva vê-los alegres. Enxergando os sorrisos em seus rostos, percebendo o brilho em seus olhos e sentir o “gosto” de cada abraço caloroso, que recebo e recebi até hoje. Obrigada por fazerem a diferença na minha vida. Vocês se tornaram a razão para eu seguir

em frente. Foram meu “gás”, em inúmeros momentos.

- Ao Centro Acadêmico de Dança (CADAN), pelas importantes experiências proporcionadas, as quais acrescentaram imensamente no meu modo de ver o mundo, as relações sociais, a política e outros aspectos do nosso cotidiano. Deixo aqui o meu registro para vocês, que aturaram meus infindáveis momentos de impaciência. E muito obrigada por aguentarem firmes a minha ausência nesse momento turbulento da minha vida! Gratidão.

A dança é um “sim” à vida, mas só pode ser dançada por aqueles que queiram se embriagar. (NIETZSCHE, Friedrich).

RESUMO

Abordando alguns aspectos gerais da Cultura Hip Hop, esta pesquisa procura identificar alguns profissionais deste movimento cultural, buscando registrar os acontecimentos e personagens da Dança de Rua, no cenário de 1997 à 2009, no Estado do Rio Grande do Sul. O presente estudo tem por objetivo identificar e registrar os personagens que compuseram o quadro da Dança de Rua, bem como suas trajetórias, a partir da criação do grupo Batida de Rua em 1997. Foi realizada uma pesquisa de campo, qualitativa, a partir de materiais e registros do Grupo Batida de Rua, enviados pelo fundador do grupo, Carlos Nunes. E, após a identificação das figuras, o instrumento utilizado para a coleta de informações foi uma entrevista semiestruturada, realizada com Carlos Nunes. Estes dados, foram transformados em registro histórico a favor da importância de fazer, resguardar e transmitir história. A partir da análise das informações, ressaltam-se algumas conclusões: a transitoriedade das nomenclaturas "*Breakdance*", "*Street*" e "*Street Dance*", "Dança de Rua" e "Danças Urbanas, a influência dos eventos de competição para o surgimento de grupos de dança e a forte presença de festivais e competições, como influentes na propagação da Dança de Rua, potencializando a procura desta modalidade em academias e escolas de dança.

Palavras chaves: Dança de Rua; História da dança; Rio Grande do Sul; Grupo Batida de Rua

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Influências na Trajetória de Carlos Nunes.....	29
Figura 2 – O Grupo Batida de Rua: Personagens	31
Quadro 3 – Personagens: Trajetórias a partir do Batida de Rua	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. DAS DANÇAS DE RUA ÀS DANÇAS URBANAS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	13
2.1 MOVIMENTO HIP HOP	13
2.2 DA DANÇA DE RUA ÀS DANÇAS URBANAS.....	15
2.3 DANÇA DE RUA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL.....	18
2.4 GRUPOS DE DANÇA DE RUA NO RIO GRANDE DO SUL.....	21
2.4.1 Trem do Sul	21
2.4.2 Urban Kings 7T	22
2.4.3 Art & Dança	23
2.4.4 Urban Face	23
2.4.6 Jet Project.....	24
2.4.7 Expressão de Rua.....	25
2.4.8 Troup Urbana.....	25
3. CARLOS NUNES E A TRAJETÓRIA DO GRUPO BATIDA DE RUA: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA	26
3.1 CARLOS NUNES: FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA.....	26
3.2 GRUPO BATIDA DE RUA: INFLUÊNCIAS E PERSONAGENS.....	29
3.3 A DANÇA DE RUA NO RIO GRANDE DO SUL: A IMPORTÂNCIA DOS FESTIVAIS DE DANÇA.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	39
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41
ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

Desde que entrei no mundo das Danças de Rua em 2009, encantei-me com as diferentes possibilidades de movimentações e descobertas em meu próprio corpo. Além dessa "descoberta corporal", enxerguei um universo ao qual eu ainda não conhecia, onde, histórias, *Workshops*¹, cursos e festivais faziam parte deste. No segundo semestre do ano de 2010, iniciei os meus estudos com o professor Getúlio Viana² (Jet) em Caxias do Sul, no Studio de Danças Camila Oliveira, onde este último ofertava diversos cursos com professores da região metropolitana de Porto Alegre e de outras regiões do Brasil. Desta forma, tive a oportunidade de conhecer e aprender com importantes nomes que compuseram o cenário das Danças de Rua em nosso país.

Nessa pesquisa, escolho utilizar “Dança de Rua” pois era o termo utilizado no período estudado. Farei maiores considerações adiante.

As pesquisas acadêmicas referentes às Danças Urbanas³ são reduzidas. No entanto, a partir de meados dos anos 2000, aparecem, no Brasil e no Rio Grande do Sul, trabalhos de autores dedicados ao tema, como por exemplo Felipe Gustsack (2003), Ana Cecília Reckziegel (2004), Rafael Guarato (2010), Natália Porto (2010), Analu Silva dos Santos (2011), entre outros. Nesse sentido, tais trabalhos foram levados em consideração neste estudo, motivado pela necessidade de registrar alguns dos nomes que constituíram e ainda constituem o cenário da Dança de Rua no Rio Grande do Sul. Do mesmo modo, o presente trabalho tem o intuito de articular-se com as pesquisas já consolidadas, contribuindo para o reconhecimento e valorização desta modalidade de dança, bem como dos profissionais que a compõe. Sendo assim, nesse estudo, abordar a história da Dança de Rua constitui-se também como um modo de contribuir no entendimento da história da dança cênica no Rio Grande do Sul.

Em função das intensas transformações que a Dança de Rua vem passando,

-
- 1 Workshop “Aula ou curso prático sobre uma atividade ou um assunto específico”, definição dicionário Priberam da Língua Portuguesa
 - 2 Getúlio Viana, bailarino, professor, coreógrafo e pesquisador das danças urbanas, referência da Dança de Rua no Estado do Rio Grande do Sul
 - 3 Danças Urbanas, termo utilizado atualmente para referir-se às Danças de Rua, somada às novas modalidades que hoje constituem este cenário.

acredito que discorrer sobre esta história é um conhecimento importante de ser produzido na história da dança cênica no Rio Grande do Sul. Além disso, esta escrita poderá vir a contribuir na tentativa de resgatar a essência⁴ desta vertente, a fim de que alguns significados não se percam ao longo dos anos e se perpetuem informando principalmente aos “novos” personagens que estão construindo a história da Dança de Rua em nosso Estado.

Em virtude deste grande interesse que desenvolvi pela Dança de Rua, senti a necessidade de procurar por maiores informações sobre a origem e o andamento da dança e dos personagens da Dança de Rua no Rio Grande do Sul. No entanto, decidi partir do Grupo Batida de Rua, por este ter sido um dos responsáveis pela expansão desta modalidade, onde muitos dos seus integrantes consolidaram outros grupos dando segmento aos seus trabalhos, até mesmo em outras cidades.

A partir deste contexto, apresento o problema de pesquisa: Qual foi a trajetória do Grupo Batida de Rua e de que forma essa trajetória contribuiu para a disseminação da Dança de Rua no Rio Grande do Sul? E ainda: Qual foi a trajetória dos integrantes a partir da experiência de dançar no Grupo Batida de Rua?

Em consequência, tenho por objetivo investigar a trajetória da Dança de Rua no Rio Grande do Sul, a partir da criação do Grupo Batida de Rua, no período entre 1997 e 2009. Tal objetivo desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- Registrar os acontecimentos históricos da Dança de Rua no Rio Grande do Sul, a partir da constituição do Grupo Batida de Rua;
- Identificar os personagens, os quais compuseram a cena da Dança de Rua no Rio Grande do Sul, a partir da criação do Grupo Batida de Rua em 1997.

Para atingir os objetivos propostos, foi realizado uma pesquisa de campo, qualitativa, a partir de materiais e registros do Grupo Batida de Rua, enviados pelo fundador do grupo, Carlos Nunes. Após a identificação das figuras, o instrumento utilizado para a coleta de informações foi entrevista semiestruturada. Uma parte da pesquisa documental, que aparecerá no capítulo seguinte, foi realizada na fase de

4 Essência, vocabulário constantemente utilizado pelos personagens da Dança de Rua para tentar descrever o pertencimento à um espaço ou experiência vivida no passado, aos quais, não estão sendo valorizados na atualidade.

elaboração do projeto de pesquisa. Este material foi coletado, analisado e interpretado pela pesquisadora.

Alberti (2013, p. 38), afirma que qualquer temática contemporânea pode ser investigada através da história oral, por se tratar de “uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram”. Para mais, Verena (2013) aborda, em sua reflexão sobre o processo de escolha dos entrevistados, que a seleção dos personagens deve ser direcionada pelo objetivo da pesquisa. Logo, a escolha dos entrevistados deve ser fundamentada segundo a carga de experiência do indivíduo, selecionando “*aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema*”. Seguindo esta ideia, inicialmente, foram selecionadas cinco figuras, que apareceram aos olhos da pesquisadora, em constante participação na trajetória do grupo Batida de Rua. Foi devido à análise do material enviado pelo fundador do grupo, Carlos Nunes, somado às vivências da pesquisadora em Dança de Rua, que estas escolhas se tornaram possíveis. Porém, em função de imprevistos que ocorreram durante a construção deste trabalho, considerando igualmente o escopo de um trabalho de conclusão de curso, quatro entrevistas não puderam ser efetivadas. Assim sendo, mantive a entrevista com o personagem principal do grupo Batida de Rua, Carlos Nunes, em concordância com o pensamento de Alberti (2013, p.31), em relação à posição que o entrevistado ocupa em um grupo.

Ainda de acordo com Verena (2013), o conceito de "informantes" utilizado na Antropologia, é apresentado pela autora, que diz corresponder às “unidades qualitativas”. Para serem selecionadas dentro de um estudo, é necessário que haja um "conhecimento prévio do objeto de estudo". Desta forma:

É preciso conhecer o tema, o papel dos grupos que dele participaram o que o testemunharam e as pessoas que, nesses grupos, se destacaram, para identificar aqueles que, em princípio, seriam mais representativos em função da questão que se pretende investigar. (ALBERTI, 2013, p.32)

Por fim, optei pelo grupo Batida de Rua, devido à grande influência de seus trabalhos, os quais provocaram o surgimento de outros grupos de dança. Ademais, o grupo também contribuiu aumentando o interesse pela Dança de Rua no mercado de trabalho, abrindo novas possibilidades para a inserção e profissionalização desta dança na sociedade.

2. DAS DANÇAS DE RUA ÀS DANÇAS URBANAS: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

2.1 MOVIMENTO HIP HOP

Dentre várias hipóteses, ainda não existe um consenso em relação à origem do termo e da cultura Hip Hop. Entretanto, conforme Moraes (1998), *Hip* significa “quadril” e *Hop* “saltar”.

De acordo com VITORINO (2008), o termo “*Hip Hop*” era frequentemente utilizado pelos MC's⁵ no improviso de suas rimas de *RAP*⁶. Ainda conforme a autora, a expressão Hip Hop é definida como uma forma de “expressão sócio-artística e política do jovem excluído socialmente nas zonas urbanas (...) é um movimento de revolução, atitude e protesto, marcado pela reivindicação e melhorias de vida” (VITORINO, 2008, p. 05).

Com relação ao manifesto, a cultura Hip Hop, é composta por quatro elementos: MC, DJ⁷, Grafite e o *Break*⁸.” (VITORINO, 2008; RECKZIEGEL, 2005; PORTO, 2010). Soyane Vargas (2005) em sua publicação na Revista Digital Efdeportes, diz que o movimento nasceu em meio à crise de 1929 onde músicos e bailarinos foram demitidos dos estabelecimentos que trabalhavam. Assim, começaram a dançar nas ruas como alternativa para sua própria sustentação financeira.

Em contraponto, Rocha (2005), adota que a origem e a explosão do Hip Hop, ocorreu na década de 1970 em Nova York, tornando-se uma forma de protesto dos jovens pobres e negros, contra a desigualdade e discriminação racial (ROCHA, 2005 apud PORTO, 2010). Adendo, Gustsack (2003, p. 41) aponta que esta prática cultural foi adotada também, em função das disputas de territórios nos bairros mais

5 MC é um dos elementos que compõe a cultura Hip Hop. Significa *Master of Ceremony*, traduzido do inglês: Mestre de Cerimônia. É o artista responsável por compor e cantar suas poesias, no formato de rimas, dentro de um determinado ritmo.

6 RAP significa “*Rythm and Poetry*”, traduzido do inglês: Ritmo e Poesia. É considerado a expressão verbal e um gênero musical, composto pelas poesias recitadas através dos Mestres de Cerimônia (MC's).

7 *Disc Jockey* é um dos elementos que compõe a cultura Hip Hop. É o artista responsável por comandar as pick-ups (toca-discos), tocando músicas, conduzindo os “*beats*” (batidas) e utilizando diferentes técnicas como o *Scratch* e o *Breakbeat*.

8 *Break dance* é um dos elementos que compõe a cultura Hip Hop. São os dançarinos ou bailarinos denominados de Bboy (*Breaking Boy*) ou Bgirl (*Breaking Girl*), responsáveis por movimentar-se de acordo com os “*beats*” controlados por um DJ.

pobres de Nova York. Estas disputas, tinham como consequência vários casos de violência e morte.

De encontro a Morais (1998), Felipe Gustsack (2003, p. 36) menciona que a criação do termo "Hip Hop" se deu através de Kevin Donovan⁹ (Afrika Bambaataa) no final dos anos 60, com o intuito de caracterizar as festas do bairro do Bronx em Nova York. A escolha desta nomenclatura, foi devido ao fato da maioria dos jovens MC's a utilizarem em suas rimas. Ao final desta mesma década, a introdução das "Block Parties" (festas de rua), foi a grande novidade trazida à vizinhança pelo DJ jamaicano Kool Herc (Clive Campbell)¹⁰, apoiada pelo parceiro "Kool DJ Dee". Afrika Bambaataa percebeu que vários talentos existentes neste bairro (dançarinos, grafiteiros e MC's), concentravam-se nessas reuniões populares, surgindo então o termo "Hip Hop". Assim, Bambaataa, preocupado com a pacificação dos guetos nova-iorquinos, propôs um encontro com estes jovens, no intuito de gerar uma política para acabar com criminalidade (DJ ZULU TR, 2012):

Sendo assim, aproveitando o termo mais comum entre os jovens do gueto, em 12 de novembro de 1974 Afrika Bambaataa declara fundado o "Movimento Cultural Hip-Hop", com base nos ensinamentos pregados pela Universal Zulu Nation: "Conhecimento, Sabedoria, Compreensão, Liberdade, Justiça, Igualdade, Paz, União, Amor, Diversão (com Responsabilidade), Trabalho, Fé e as maravilhas de Deus". O termo que outrora se traduzia ao pé da letra "Hip" (quadril) "Hop" (saltar) dando sentido a uma simples dança, desencadeou a ideia de não se permanecer ancorado no mesmo lugar, dando motivação ao ser humano de sair do ostracismo em busca dos seus objetivos, ou seja, movimentar-se sempre!¹¹

Inserida no movimento Hip Hop - dentro do elemento *Break*, a Dança de Rua (também denominada de *Street*, *Street Dance* e atualmente, Danças Urbanas), se constitui de "*práticas corporais que lidam com diferenciadas modalidades de dança provenientes de uma matriz negra norte-americana que resultou num 'mix' de técnicas e formas diferentes de se dançar*" (GUARATO, 2010, p. 47). Assim, a Dança de Rua, pode ser compreendida como uma forma de representar a cultura dos povos (MEDINA, 2008, p.100), pressupondo que, essa representação estaria associada à

9 Kevin Donovan, mais conhecido como Afrika Bambaataa foi um dos nomes importantes na história da cultura do Hip Hop. Bambaataa, propôs o fim das lutas entre as gangues da cidade de Nova York, sugerindo que as mesmas ocorressem através das rodas de dança *Break*.

10 Clive Campbell conhecido também por DJ Kool Herc, comandava uma das gangues existentes no bairro Bronx, em Nova York.

11 UNIVERSAL ZULU NATION - Site Oficial. **O pai de um movimento cultural chamado Hip Hop.** São Paulo, 2012. Disponível em: <http://zulunationbrazil.blogspot.com.br/2012/11/o-pai-de-um-movimento-cultural-chamado_11.html>.

cultura dos guetos norte-americanos

Embora a maioria dos autores citados não façam uso do termo “*Street Dance*”, para referir-se ao elemento dança, essa expressão é constantemente utilizada na língua inglesa.

2.2 DA DANÇA DE RUA ÀS DANÇAS URBANAS

Ao mergulhar nesta vertente entre 2008 e 2009, a dança era chamada de Hip Hop ou Dança de Rua. Anteriormente, também foi conhecida (ou reconhecida), por “*Break*” “*Street*” ou “*Street Dance*”. Com o passar dos anos, surgiu no Brasil a nomenclatura “Danças Urbanas”, onde, de acordo com Ejara (2011), foi uma alternativa criada e implantada por ele, em função de seus questionamentos sobre a tradução e repercussão deste termo na sociedade. Ejara afirma que a expressão “*Street Dance*” não significa exatamente “Dança de Rua”, mas sim uma expressão popular “*inspirada por quem vive nela*”. Frank ainda explica, que abandonou o uso deste termo em sua companhia de dança, por apresentar-se em uma “*tradução literal falha e geradora de preconceitos*.”

Apesar de Street em Português significar “Rua”, para os Americanos ela não tem exatamente essa conotação, porque, neste caso, Street Dance significa “Dança Urbana” do Povo que não veio do meio acadêmico. Não quer dizer exatamente que ela foi inventada ou dançada nas Ruas. Entre os estilos de dança urbana, apenas o B.Boying foi criado exatamente nas ruas, durante as Block Partys (festas de rua), que deram origem à Cultura Hip Hop. Os demais estilos de dança tiveram diferentes ambientes para sua criação como Clubs (danceterias), programas de TV, Concurso de talentos estudantis etc... É das Ruas porque veio de pessoas que vivem nas cidades. (EJARA, 2011)¹²

Já no livro “Dança de Rua” de Ana Cristina Ribeiro e Ricardo Cardoso, os autores estabelecem Dança de Rua como tradução de Street Dance, definindo-a como “a dança realizada na rua”. Além do mais, estabelecem “Dança Urbana” como o termo mais adequado a ser utilizado, pois engloba “estilos de dança que não são influenciados pela cultura Hip Hop” (p. 21). Na introdução de seu artigo, Reckziegel (2004), acessa a dança através da nomenclatura “*Break*”, porém opta por utilizar em

12 FRANK EJARA. **O novo termo “Danças Urbanas”**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://frankejara.blogspot.com.br/2011/10/o-novo-termo-dancas-urbanas.html>

sua dissertação Dança de Rua, para referir-se à esta prática corporal.

Nesse contexto, Felipe Gustsack (2003) articula que nas décadas de 1970 e 1980, os termos utilizados para referenciar a dança dentro da cultura Hip Hop, eram o "*Breaking*" ou "*Breakdance*". Gustsack, afirma que foi através da Dança *Break* e dos B-boys, que o manifesto da cultura Hip Hop expandiu-se pelo território brasileiro (GUSTSACK, 2003, p. 56-57). Personagens como Gerson King Kombo, Nelson Triunfo e o grupo Funk & Cia, foram essenciais no crescimento e repercussão desta modalidade de dança no Brasil (GUSTSACK, 2003, p. 43). Em contraponto, Rafael Guarato (2011, p.74), afirma que a aparição do grupo Dança de Rua do Brasil "foi crucial para dar início ao processo". Guarato dialoga também sobre a difícil inserção dos praticantes da Dança de Rua, dentro das categorias existentes nos Festivais de Dança do país, e acrescenta:

O conceito dança de rua surgiu no início da década de 1990 e o primeiro documento que utiliza essa nomenclatura é uma matéria publicada em jornal local, quando a dança de rua já havia se inserido nos festivais. Tal definição pode ter partido dos jurados ou da mídia, mas não dos praticantes, que até então não definiam aquela forma nova de dança. Mas mesmo não sendo os criadores do conceito, eles o incorporaram. (GUARATO, 2010, p. 129).

Hoje, a Dança de Rua é muito mais conhecida por "Danças Urbanas", onde muitos bailarinos contrapõem-se quanto a nomenclatura "de rua", por acreditarem que, com exceção do *Breaking*, as outras modalidades não surgiram na rua em si, mas sim, em boates, clubes, festas, mídia, clipes, etc. Além disso, é a terminologia mais utilizada atualmente, com o intuito de tornar a cultura Hip Hop mais "elitizada". Do mesmo modo, tornando possível a venda deste mesmo "produto" em outras camadas da sociedade, porém, com uma denominação diferente.

Confesso que ao pensar em Dança de Rua, a imagem que surge em minha cabeça são as calças largas, bonés, estilo mais "largado" e, ao mesmo tempo, na forma como as pessoas olham para indivíduos que apresentam este visual. Ao pensar em Danças Urbanas, a sensação de perda da "essência" invadia meus pensamentos. Não me sentia confortável em utilizar este termo, principalmente por questionar dezenas de professores e bailarinos sobre o que são "danças urbanas", e não haver um acordo que "definisse" ou que se aproximasse da definição desta

nomenclatura. Por muito tempo, em função dos motivos escritos anteriormente mantive-me na dúvida sobre qual termo utilizar neste trabalho, se Dança de Rua ou Danças Urbanas. Por se tratar de uma pesquisa histórica delineada no período de 1998 a 2009, optei por utilizar Dança de Rua, pois era o termo empregado na época que entrei em contato com este estilo.

Seguindo a lógica, a ideia de trabalhar com o termo Dança de Rua surgiu das exposições verbais que escutei durante as minhas vivências, trocas, diálogos, aulas e discussões sobre a valorização dos personagens "antigos" da Dança de Rua. Ouvi repetidas vezes, relatos sobre a trajetória árdua de cada bailarino, para conseguir conquistar espaço e conhecimento que hoje, de acordo com os mesmos, é "facilmente de ser adquirido".

Ao participar do evento Painel Danças Urbanas, que ocorreu no dia 22 de fevereiro de 2016, na Usina do Gasômetro em Porto Alegre, deparei-me com novas informações acerca da história da Dança de Rua. Essas informações geraram algumas dúvidas sobre a escolha dos personagens que eu deveria abordar em meu trabalho. Por questões de vivência e afinidade, meu desejo, inicialmente, era registrar os nomes e trajetórias das figuras pelas quais eu tive a oportunidade de entrar em contato. A ideia de escrever um pouco sobre suas histórias, vinha com o intuito de tentar "gerar" um reconhecimento e valorização do trabalho de cada um. Possibilitando também, que outras pessoas conhecessem seus nomes, suas trajetórias e o quão importante estas foram (e são), para a legitimação da história da dança no Rio Grande do Sul. Além disso, este evento abordou por outro viés a importância que teve a modificação do termo Dança de Rua para Danças Urbanas.

O histórico da dança de rua é repleto de questões preconceituosas, sendo muitas vezes considerada uma expressão de dança marginalizada, relacionada à violência. A partir disso, os profissionais da área sentiram a necessidade de lutar para que essa concepção mudasse e, para isso, encontraram nos festivais de dança uma forma de ser reconhecida como expressão de dança, da mesma forma que outras, que muitas vezes eram consideradas mais "importantes" ou mais "cultas". Dessa forma, a dança de rua vem vencendo os preconceitos que existem em relação a ela. (ALMEIDA JÚNIOR, 2008 apud LAUXEN E ISSE, 2009, p. 74)

A carga de pré-conceitos que o termo Dança de Rua trazia consigo, em alguns momentos, dificultou o trabalho dos profissionais da dança, nesta modalidade. Modificar o termo para Danças Urbanas, apresentou-se como

necessário para que um mesmo produto pudesse ser vendido em outras camadas da sociedade. Em outras palavras, um nome mais bonito e elitizado. Adendo:

Preocupados com tamanhas modificações, realizadas pelo grupo Dança de Rua do Brasil e principalmente pelo Balé de Rua, outros praticantes iniciam um processo de resgate, considerando que a verdadeira dança de rua seria aquela praticada antes dos festivais. O problema reside nessa noção de resgate, que carrega consigo a impressão de que a dança de rua deixou de existir, quando na verdade ela se encontra transformada. A emergência de novos estilos de dança de rua não quer dizer um abandono do “autêntico” e sim uma interpretação proveniente de “táticas” que buscam tornar possível a eliminação de carências e a satisfação de expectativas cotidianas. A noção de autenticidade tenta preservar algo imerso no turbilhão do contágio. (GUARATO, 2010, p. 131).

Por este motivo, é possível destacar o lado positivo da transição do termo Dança de Rua para Danças Urbanas. Este fato, resultou na modificação do meu pensamento em relação ao termo Danças Urbanas, fazendo com que eu compreendesse melhor a utilização desta nomenclatura na atualidade. Por fim, optei por escolher o lado da Dança de Rua, não relacionado às academias e escolas de dança, mas sim referente aos grupos que se constituíram durante o processo de expansão e evolução da Dança de Rua em nossa sociedade.

2.3 DANÇA DE RUA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

Um grande difusor da Dança de Rua foi Michael Jackson que, através de seus clipes e shows, incluía em suas coreografias vários movimentos da modalidade *Break*. Além do cantor, o filme *Beat Street* de 1984, colaborou do mesmo modo, para a expansão dessa dança no Brasil e no mundo (GEREMIAS, 2006 apud SANTOS, 2011, p. 17). Anterior à Michael, é importante destacar também o cantor James Brown, personagem que popularizou o gênero musical “Funk Soul” – o qual impulsionou o estilo Locking - na década de 70 (SANTOS, 2011, p. 34). Para mais, Bambaataa (1999) citado por Reckziegel (2004), afirma em entrevista, que o Hip Hop e o Funk não existiriam sem James Brown, e que este último teve grande influência em seus trabalhos.

De acordo com Tomazzoni (2008, p. 14), a mídia acabou se tornando um

importante meio de influência e modificação das danças. Desta forma, sendo possível destacar o Hip Hop e o Funk das periferias, como os estilos que conquistaram seu espaço midiático com maior facilidade. Ademais, Rodrigues (2006) acrescenta:

A Dança de Rua chegou através dos vídeos clipes no Brasil e, como o vídeo clipe é um produto comercial, este não a finalidade de informar. A grande maioria dos bailarinos brasileiros aprenderam a Dança de Rua imitando o que viam na televisão. Assim, muita coisa se perdeu na entrada desta dança no Brasil e, além disso, outros elementos de nossa cultura foram sendo incorporados. (RODRIGUES, 2006, p. 30).

Os avanços potentes da tecnologia, somado ao sucesso de videoclipes e filmes, fizeram com que o elemento “dança” conquistasse rapidamente os espaços acadêmicos de ginástica, utilizando diferentes nomes: “*Cardio-jazz*”, *Cardiofunk*, *Lowfunk*, *Street Dance*, *Funk-Fitness*, Hip Hop e outros”. (SANTOS, 2011, p. 17).

A mídia vinculou a dança de rua ao movimento hip hop e, por isso, muitas vezes, os conceitos de break e street dance se confundem, mas é preciso lembrar que o break é o elemento que representa a expressão corporal do hip hop e está ligado aos demais elementos deste movimento e a dança de rua é uma expressão de dança que pode ou não ter relações com o movimento hip hop. Mas, mesmo com essa definição, a dança de rua acabou sendo relacionada ao movimento hip hop e, com a popularidade deste movimento, a dança de rua também foi se tornando popular, ganhando espaço na mídia e de certa forma, “virando moda” para o público mais jovem. (LAUXEN e ISSE, 2009, p. 75)

Em consonância à, Natália Porto (2010, p. 54, 55), estabelece que a evolução da Dança de Rua está intimamente ligada ao ensino nas escolas de dança, criações de grupos de dança e competições em festivais, e que, sem as escolas de dança, a Dança de Rua não teria crescido ou repercutido da maneira como ocorreu. Além disso, a autora conclui que a Dança de Rua foi apresentada para a classe alta da sociedade, fazendo com que essa modalidade tivesse importante expansão, trazendo novos alunos interessados em praticar essa dança.

No Brasil, os autores Azevedo e Silva (1999) abordam sobre a cultura Hip Hop ter chegado ao país no início da década de 1980. Na cidade de São Paulo, Nelson Triunfo, o grupo Funk e Cia, Marcelinho, DJ Hum, Thaíde, Hélio, Marcelo Pinguinha, Cícero e Luizinho são considerados os protagonistas do movimento Hip Hop tornando os espaços públicos, territórios para manifestações artísticas. (AZEVEDO e SILVA, 1999, p. 74)

Na década de 1970 a música Soul e as ideias do movimento Black Power norte-americanas, influenciaram a população negra brasileira a criar o movimento Black no Brasil (AZEVEDO e SILVA, 1999 apud RECKZIEGEL, 2004):

"O movimento Black Rio surgiu no subúrbio carioca nos anos 70 [...] e teve como principal influência artística e comportamental o músico James Brown [...] O movimento Black Rio influenciou o movimento Black Soul, em São Paulo, também difundido através dos bailes, nos anos 70. O movimento Black-Soul, com seus bailes e as equipes de som que lhe eram características, com as gravadoras e produtoras musicais que começaram a surgir, preparou o terreno para a grande aceitação do Hip-Hop" (RECKZIEGEL, 2004, p. 51).

Já de acordo com CIRINO (2002) apud LAUXEN e ISSE (2009, p. 72), a Dança de Rua manifestou-se por volta de 1982, mas com registros de grupos e locais específicos, apenas em 1991. É considerada uma manifestação muito recente, em 1993 e 1994 no Festival de Dança de Joinville, houveram grupos que dançaram este estilo na modalidade Jazz, mas foi no Festival do Triângulo Mineiro em Uberlândia (Minas Gerais) que criaram a modalidade Jazz de Rua, incentivando a futura criação da categoria de danças de rua no Brasil:

[...] após tanta polêmica e atrito entre dançarinos de Dança de Rua e jazz a equipe coordenadora do Festival de Dança de Joinville, através de conversas com o Grupo de Santos, grupo pioneiro da Dança de Rua no Brasil, resolveu incluir uma nova modalidade: Dança de Rua e foi assim que todos os outros festivais aderiram à chegada da nova dança. Em 1995, oficialmente, foi o primeiro ano de competição da modalidade Dança de Rua e depois disso nunca mais saiu dos festivais. (CIRINO, 2005 apud LAUXEN e ISSE, 2009, p. 74)

No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, os primeiros indícios do Hip Hop, datam do ano de 1983, da mesma forma que em outras cidades do Brasil (GORCZEVSKI, 2002 apud RECKZIEGEL, 2006, p. 53). Nessa época Gedair, um bailarino de Soul, organizou as primeiras rodas de *Break* na Esquina Democrática de Porto Alegre. Adendo, a autora cita o DJ Nezo, o qual revela que os dançarinos naquela época não sabiam que a dança era parte de uma cultura. As coreografias e passos eram aprendidos através dos videoclipes¹³ do Michael Jackson e Lionel Riche. (GORCZEVSKI, 2002 apud RECKZIEGEL, 2006, p. 54).

De acordo com Porto (2010, p.7):

¹³ Dicio. Do Dicionário Online de Português, significado de videoclipe: Curta-metragem em filme ou vídeo que ilustra o trabalho de um artista; clipe. Disponível em <https://www.dicio.com.br/videoclipe/>

As primeiras manifestações da Dança de Rua em Porto Alegre foram em bailes Black da comunidade negra e no Centro da Cidade [...] passa a ser modalidade ensinada no início da década de noventa [...] a evolução se deu através da busca de informações em outros professores, pelos festivais de dança e com o grupo "Batida de Rua". (PORTO, 2010, p. 7).

2.4 GRUPOS DE DANÇA DE RUA NO RIO GRANDE DO SUL

As histórias apresentadas abaixo, foram resultados de uma pesquisa feita no ano de 2012, com o objetivo de mapear os “principais” grupos da Dança de Rua do Rio Grande do Sul. Para a seleção dos grupos, utilizei como critério os destaques e premiações que cada grupo obteve em diferentes eventos de dança, como por exemplo: Festival de Dança de Joinville 2011 e 2012, a pré-seleção e o Festival Internacional de Hip Hop em Curitiba de 2011 e 2012 (atual FIH2), Festival Garopaba em Dança 2011, e por último, o festival Open Dance Extreme que ocorreu em setembro de 2012, na cidade de Santa Cruz do Sul (RS). Portanto, além deste primeiro critério, utilizei também as minhas vivências na Dança de Rua. Como espectadora, pude também acompanhar de perto (e até mesmo participar), a trajetória destes grupos em festivais, mostras de danças, batalhas e eventos competitivos em geral.

Os depoimentos aqui apresentados, foram colhidos no ano de 2012, cedidos pelo coreógrafo responsável de cada grupo. Em um primeiro momento, o contato foi realizado por intermédio das redes sociais, em específico a rede *Facebook*¹⁴. Após este contato, os objetivos do mapeamento foram explanados aos coreógrafos e, em seguida, foi solicitado que os mesmos enviassem por escrito a trajetória do seu grupo, desde sua criação até o momento estudado – no caso, até o ano de 2012.

2.4.1 Trem do Sul

Surgiu em fevereiro de 2006 com o Projeto Dança de Rua, o qual tinha uma parceria com o coreógrafo Paulo Renato Monteiro e a Escola Nossa Senhora dos Navegantes, na cidade de Pelotas. O Projeto tinha como objetivo oferecer atividades

14 Facebook é uma rede social da atualidade, que possibilita a criação de uma rede de amigos a partir da criação de um perfil.

extra-classe que viesse a ocupar o tempo das crianças e adolescentes, afastando-os das drogas e da violência. O nome “Trem do Sul” surgiu de um pensamento de que um trem faz um trajeto de ida e volta para caminhos inesperados ou um mesmo local, porém as pessoas podem desembarcar em uma determinada parada e nunca mais retornar.

Em agosto de 2006 o Grupo participou de concursos fora da cidade de Pelotas e do Estado, ganhando diversos destaques e premiações. Em outubro de 2008 o Grupo conquistou primeiro lugar na Copa Sul Americana de Hip Hop, e conseqüentemente vaga para o Campeonato Mundial de Hip Hop, realizado em Los Angeles (Estados Unidos). No ano de 2012, competiu na categoria *Locking* do Festival Open Dance, em Santa Cruz do Sul, ganhando também primeiro lugar e adquirindo uma vaga para competir em março de 2013, no campeonato *Juste Debout*¹⁵, realizado na França (Paris). Atualmente o Grupo Trem do Sul não é mais projeto da escola, mas mantém o projeto vivo, fazendo diversas apresentações e atuando na formação de jovens dançarinos, porém o grupo ainda lida com a falta de apoio, que, de acordo com Monteiro é a realidade do mundo das danças urbanas.

2.4.2 Urban Kings 7T

Criado em 2009 na cidade de Santa Rosa, a partir de um grupo vinculado à Prefeitura Municipal, composto de 23 bailarinos. Após visualizarem que alguns integrantes não estavam demonstrando interesse nos ensaios, o grupo foi separado permanecendo apenas aqueles que realmente amavam a dança e gostariam de levar à diante. A primeira formação foi denominada de Seteto, mais tarde, um dos integrantes, em um determinado ensaio, foi com uma camiseta customizada por ele mesmo escrito “Urban Kings”, o grupo gostou e aderiu a ideia, modificando o nome do grupo para “*Urban Kings 7T*”.

O grupo foca todos os seus estudos dentro das danças urbanas, buscando referências do contexto contemporâneo. Sua formação atual possui 8 integrantes, que representam a cidade de Santa Rosa em diversos Festivais de Dança do Estado

¹⁵ Juste Debout é um dos maiores eventos competitivos de Hip Hop do mundo. O campeonato acontece anualmente, com seleções em diversos continentes. Assim, o evento conta com a participação e eleição, dos melhores dançarinos em diferentes categorias, a nível mundial.

e do Brasil. Hoje tem em cartaz o espetáculo “A casca” do coreógrafo e diretor do grupo, Arthur dos Santos: “O que somos por dentro e como gostaríamos de ser. Uma casca é o que nos protege o que nos disfarça, mas o que há por dentro só nós sabemos”.

2.4.3 Art & Dança

O grupo nasceu na cidade de Canoas e existe há quatorze anos – desde 1998 - e trabalha de maneira diferenciada com a dança contemporânea e Hip Hop (Dança de Rua). A partir de 2005 participou de Festivais de Dança Regionais, Internacionais e Eventos Artísticos com os trabalhos dos coreógrafos Fernando Faleiro, Eduardo Menezes, Mickael Ramos e William de Freitas.

O grupo é parceiro de projetos como “Circo Voador”, “Reviver”, “Se essa rua fosse minha” e ainda trabalha na pesquisa com o projeto “Consequências do Som-Dança Contemporânea” desde 2009, sendo premiados no “Rumos Itaú Cultural” em 2011. Atualmente possui uma equipe de quinze profissionais entre bailarinos, coreógrafos, figurinistas, técnico áudio visual e direção de arte e, participam de eventos como Expointer, Festival de Turismo de Gramado, Carnaval de Porto Alegre, entre outros.

2.4.4 Urban Face

O Grupo teve início no ano de 2008, na cidade de Canoas, quando, por opção de educação física no colégio estadual Marechal Rondon, seis amigos optaram pela opção "DANÇA", ao invés das opções, futsal, vôlei, basquete, etc. As aulas eram ministradas pela professora Cristina Pereira¹⁶ com quem puderam apresentar pela primeira vez a coreografia: "Sincronia da respiração". A partir desta performance, os seis amigos chamaram a atenção do irmão de um dos integrantes, Leandro Rigelo¹⁷, o qual já era integrante do grupo Batida de Rua. Leandro recebeu o convite para coordenar o grupo de amigos e se tornou coreógrafo do mesmo. Rigelo juntamente

16 Cristina Pereira é considerada uma figura importante no meio da dança, na cidade de Canoas. É conhecida pelos projetos de dança do colégio Marechal Rondon.

17 Leandro Rigelo, é bailarino e coreógrafo do grupo Urban Face de Canoas. Rigelo foi um dos personagens que dançou no Batida de Rua, antes de constituir seu próprio grupo.

com o grupo, criou o nome "URBAN FACE" com o intuito de representar o lado Hip Hop da personalidade de cada um dos integrantes.

No ano de 2010 duas de suas coreografias foram selecionadas para o Festival de Danças de Joinville, e em 2011 com a coreografia "Não por nada", o grupo se classificou para o Festival Internacional de Hip Hop, em Curitiba, conquistando o terceiro lugar. No mesmo ano, um dos integrantes, Lucas Tossi, foi convidado para participar do programa "Se Ela Dança Eu Danço"¹⁸ do SBT em São Paulo, classificou-se para a Semi Final e expandiu o nome da Família Urban Face em nível nacional.

Hoje (2012), com 9 integrantes, o grupo participa de Projetos Municipais de Inclusão Social, mantendo o princípio da "Família Urban Face", pois além de muitos integrantes terem o mesmo sobrenome, o grupo desenvolve a amizade com todos dentro, e fora do palco.

2.4.6 Jet Project

Fundado em 2007 pelo coreógrafo e bailarino Getúlio Viana, o qual ministra aulas e dança há 18 anos em Caxias do Sul. A ideia surgiu de Viana, que dava aulas de danças em projetos sociais, e convidou alguns alunos da época a integrar no grupo, por isso o nome "Jet Project", "Jet" por ser apelido de Getúlio Viana e "Project" em função dos projetos sociais. Atualmente, além das danças urbanas utilizam da técnica do Ballet e Contemporâneo, na elaboração dos trabalhos do grupo, "dando características diferentes de originalidade do grupo" (VIANA, 2012). Os trabalhos do grupo parados atualmente, pois alguns bailarinos foram convidados a dançar em outras companhias de dança em outras cidades e/ou estão dando aulas em escolas, projetos. Em outras palavras, Viana diz que a companhia está de "férias", mas que o Projeto não acabou, no momento os integrantes estão passando a verdade e a essência das danças urbanas, os estilos as influências para a nova geração dançante.

18 Programa de competição criado pela rede emissora SBT, que tinha como objetivo buscar o maior talento na dança do Brasil.

2.4.7 Expressão de Rua

O grupo foi criado em 2001, na cidade de Alvorada, por 30 bailarinos no qual Leonardo Rosa e Jean Guerra eram os coreógrafos. O nome foi dado através de uma votação e uma das opções era “Expressão de Rua”, os integrantes escolheram este pois os integrantes achavam que não dançavam muito bem, mas tinham muito "carão".¹⁹

Na época não havia muita informação como hoje tem no *YouTube*, por isso eles inspiravam-se no grupo Street Force e o grupo Dança de Rua do Brasil. Então Leonardo Rosa começou a trazer maiores informações sobre a Dança de Rua, o que até então eles achavam que era algo que devia ser dançado de maneira forte, bem solta e com bastante Swing. Depois de algum tempo, o grupo conheceu o Porto Alegre em Dança (evento que existia na época), onde eles tiveram a oportunidade de fazer cursos com Frank Ejara, Eliseu Correa²⁰ e o Guiú²¹, passando a conhecer novos estilos fundando uma nova fase do grupo que permanece até hoje. Desta forma, o Expressão de Rua trabalha atualmente com a linha de Danças Urbanas Sociais, utilizando principalmente os estilos de *House* e *Freestyle*.

2.4.8 Troup Urbana

Foi criado em 2006, na cidade de Cachoeirinha, através de uma junção de amigos na cidade de Flores da Cunha, com o intuito de abrir a Primeira Mostra de Danças de Flores da Cunha. O nome veio da ideia de que os componentes eram muito amigos, quase uma família, andavam sempre juntos, dançavam em qualquer hora e lugar, em outras palavras era uma *troupe*²² de dançarinos. A Troup foi fundada também pelo coreógrafo, professor e bailarino Getúlio Viana, porém, atualmente, quem coordena o grupo é seu irmão mais novo Plínio Viana, o qual deu segmento aos trabalhos de Getúlio, sem mudar a identidade do grupo, conservando também a linha “gueto”²³ ou Hip Hop Freestyle.

19 Carão é um termo utilizado para referir-se às expressões faciais "forçadas" na atuação em dança.

20 Eliseu Correa é coreógrafo, professor e bailarino na cidade de São Paulo

21 Guiú, é o apelido do bailarino e professor de São Paulo, Edson Luciano Gonzagaga.

22 “Troup” é um termo utilizado para referir-se à um conjunto de pessoas que atuam juntos.

23 Do dicionário online de Português: “Área de uma cidade ocupada por um grupo de raça, religião

3. CARLOS NUNES E A TRAJETÓRIA DO GRUPO BATIDA DE RUA: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA

Como relatado anteriormente, no presente estudo foi realizado uma pesquisa de campo, qualitativa, a partir de materiais e registros do Grupo Batida de Rua. Após, foi feita uma entrevista com duração aproximada de uma hora e meia com o fundador do grupo, Carlos Nunes (Roteiro de entrevista semiestruturada – Apêndice A). A entrevista, foi gravada, transcrita na íntegra e reenviada ao entrevistado, que realizou algumas modificações. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) com o objetivo de informar ao participante dos procedimentos empregados para a realização do mesmo. A participação do entrevistado foi voluntária, não cabendo a eles nenhum tipo de remuneração, podendo abandonar a pesquisa quando desejasse.

Assim sendo, a leitura da entrevista foi guiada de acordo com os níveis de análise que DANTAS (2007), concentrando-se em identificar as unidades de análise: “Unidades de análise são definidas como os menores elementos de informação auto-suficientes” (LAPÉRIÈRE, 1997, apud DANTAS, 2007, p.10). Assim, estas unidades foram trabalhadas para que pudessem ser dispostas em um grupo de conceitos mais amplo, intitulado categorias de análise. Em consequência, as categorias de análise foram divididas nos seguintes subcapítulos: Formação e trajetória do entrevistado, o Grupo Batida de Rua suas influências e personagens e a presença dos festivais de dança na constituição da Dança de Rua no Rio Grande do Sul. Sendo assim, neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos na entrevista com Carlos Nunes, a partir da visão analítica²⁴ da pesquisadora.

3.1 CARLOS NUNES: FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA

Na entrevista realizada, Carlos Nunes apresenta-se como natural da cidade de Rio Grande – RS, morando em torno de 20 anos na cidade de Porto Alegre – RS, e atualmente reside em Curitiba – PR. Nunes relata que o seu primeiro contato com a

ou nacionalidade minoritárias”.

24 Dicio. Do Dicionário Online de Português, significado de analítico: “Que se realiza por meio de análise, exame: método analítico”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/analitico/>

dança foi entre o ano de 1989 e 1990, e sua primeira experiência em uma aula de dança foi em 1991, também na cidade de Rio Grande. Ele conta que nesta época, existiu uma tendência muito forte nas festas e danceterias (provinda de Porto Alegre), chamada *House Music*. Eram festas que tocavam músicas *Dance*, e que, com isso começaram a surgir grupos de dança, chamados de “grupos de garagem”. Em uma dessas festas, ele começou a fazer parte de um grupo. Logo, estes grupos de garagem começaram a se integrar às escolas de dança da cidade para fazer aulas de Jazz, iniciando assim, seu primeiro contato com aulas de dança. Com isso, Nunes conta que os grupos começaram a dançar jazz, ensaiar em salas de dança que possuíam espelhos, ter noção de coreografia, de composição coreográfica, de desenhos, musicalidade, aprimorando mais as suas danças e criando um trabalho mais harmonioso e “limpo”.

Em seguida, Carlos esteve em um festival de dança onde conheceu o grupo Transforma de Porto Alegre. Ele diz que na época, era a maior companhia do Rio Grande do Sul, equivalendo à companhia Raça²⁵ de São Paulo, “[...] Era tipo um Raça 2”. Após, em um evento em Joinville ele teve a oportunidade de conhecer pessoalmente os integrantes do Transforma, onde estabeleceu uma amizade. Desta forma, Nunes conheceu também a coreógrafa e diretora do grupo, Suzana D’ávila, que o convidou para fazer um curso de dança em Porto Alegre, e em seguida, o convidou para fazer parte de sua companhia e morar na cidade de Porto Alegre: “Aí eu fui, 60 reais no bolso, uma mala cheia de sonhos”.

Após sua passagem pelo Transforma, Carlos foi convidado pela bailarina Flávia Pessato, a integrar-se em seu novo grupo de dança. Ele diz que ficou um bom tempo trabalhando com Flávia e que no Festival Bento em Dança de 1996, o grupo ganhou primeiro lugar na categoria Jazz e ele, conquistou o prêmio de Bailarino Destaque na categoria Jazz. Neste mesmo festival, Carlos pôde ver uma apresentação do grupo Dança de Rua do Brasil²⁶, de Marcelo Cirino, e fazer um curso com eles. Deste modo, Nunes constatou que não estava tão desatualizado na “Dança de Rua”, como imaginava. Ele conta que fez cursos entre 1991 e 1993, de “*um pouco de Dança de Rua, que era uma mistura de Jazz*”, e que após dançar no Festival Bento em Dança de 1996, um indivíduo de Cachoeirinha (RS), o abordou e

²⁵ Grupo Raça, atualmente denominado Grupo Raça Companhia de Dança, foi fundado nos anos 1980 por Roseli Rodrigues, na cidade de São Paulo.

²⁶ Fundado em 1991 por Marcelo Cirino, na cidade de Santos.

o questionou se ele ministrava aulas de Dança de Rua:

[...] E aí ele disse “ah vou te dar o contato da minha academia, você dá aula?”, aí eu falei “ah tô pensando em dar aula de Dança de Rua”, e o cara falou “vai lá pra nós conversarmos”. Aí eu fui, nós marcamos um curso de verão, e eu dei o curso. Nesse curso tinha um bailarino, que é o Cigano. É “Maiquel”. E eu perguntei pro Cigano: “Cigano cê conhece outros? Meninos, assim que nem você?”. Por que que nem ele, porque ele estava sempre em festa, ele conhecia todo mundo, ele tinha muita vantagem. Falei pra ele “quero montar um grupo só de homens”, e aí ele falou “ah eu conheço”. Aí um certo dia ele levou uma galera lá, estava o Jet, o Boca ainda era novo. Os meninos virando mortal, aí conversei com eles, mostrei um vídeo de Dança de Rua, mostrei vários vídeos. Quando eu mostrei o vídeo do Dança de Rua do Brasil, eu falei “ó quero que a gente faça um trabalho assim, profissional”. Aí eles toparam [...].

A academia citada por Carlos, chamava-se Corpo e Alma, de acordo com os materiais cedidos pelo entrevistado. Situada no centro da cidade de Cachoeirinha - Região Metropolitana de Porto Alegre -, a academia encontra-se inativa, atualmente.

Mais além, Nunes comenta sua visão sobre os estilos que compõem o “Ballet da Dança de Rua”, citando as linhas de dança, que mais caracterizam essa modalidade. Adendo, o coreógrafo comenta que o *Locking* e o *Popping*, foram os estilos com os quais ele mais se identificou.

[...] Pode ter, “ah, isso aqui é uma linha mais de Dança de Rua”, mais moderna, ser uma linha mais da essência, mas eu acho que tem que ter a característica da dança. Tem que ter coisas da Dança de Rua, que agora exatamente eu não sei te dizer, mas por exemplo, o que eu aprendi é que, se numa coreografia, vendo os criadores falar, vendo o Mr. Wiggles falar, vendo outras pessoas falar, pra ser Dança de Rua numa coreografia tem que ter Popping, Locking e Bboy. Se não tiver nenhum desses três, não é Dança de Rua [...] Agora se o cara é da Dança de Rua tem que ter uma das três ou as três, porque assim, essas são as danças que elas são o “Ballet da Dança de Rua”. A dança começou nessas danças assim, segundo eles falaram, entendeu [...].

Importante destacar, que diferentemente do processo habitual na cultura da Dança de Rua, Carlos Nunes teve sua formação inicial na modalidade de Jazz. Este contato, ocorreu através do universo das academias de dança, encaminhando-o para o conhecimento da estrutura organizacional de grandes companhias de dança. Desta forma, pode-se dizer que a sua trajetória inicial influenciou no seu modo de produção e trabalho, gerando resultados diferentes de outros grupos criados na mesma época.

Para uma melhor visualização das informações coletadas, os dados relatados

pelo entrevistado Carlos Nunes, foram sistematizados em um organograma. Assim, os grupos e/ou personagens que influenciaram a trajetória de Nunes, como bailarino e coreógrafo do grupo Batida de Rua, aparecem organizados abaixo:

Figura 1 – Influências na Trajetória de Carlos Nunes

Fonte: A autora (2016).

3.2 GRUPO BATIDA DE RUA: INFLUÊNCIAS E PERSONAGENS

De acordo com Carlos, o grupo iniciou no ano de 1997, na cidade de Cachoeirinha – RS. Seu sonho de formar um grupo apenas com homens, somado ao evento em que conheceu o bailarino “Cigano” (Maiquel), tornou o surgimento do grupo Batida de Rua realidade.

Após a organização, o grupo teve seu primeiro trabalho apresentado no 6º Prêmio Sogipa pra Dança, em 1997 na cidade de Porto Alegre. O Batida de Rua, competiu na categoria Amador I, e assim, conquistaram o primeiro lugar nesta mesma categoria e também, o prêmio de melhores bailarinos de todo o festival.

[...] Era amador I, amador II e profissional. Nós éramos amador I, claro. Nós tiramos primeiro lugar no amador I, só que melhores bailarinos de todo o festival. Nós ganhamos um prêmio de melhores bailarinos de todo o festival, pela bravura, pela garra, pela força que... Foi uma coisa assim ó, foi impactante a presença do grupo. Assim, os guris entravam virando mortal, aquela coisa toda [...].

No mesmo ano, o grupo resolveu participar do Festival Bento em Dança, que resultou em mais uma premiação e, conseqüentemente, reconhecimento e ascensão do grupo. Para Nunes, ambos os festivais foram um marco para o grupo. O coreógrafo comenta que em suas 6 participações consecutivas no Festival de Dança de Santa Maria (RS), houveram ocasiões em que a dança apresentada pelo Batida de Rua era questionada pelos profissionais de outras categorias: “[...] Isso não é

uma dança técnica, isso é sujo [...]. Deste modo, Nunes comenta que, ganhar o primeiro lugar e precisar competir diretamente com as primeiras colocações do Jazz, Contemporâneo ou Ballet, geravam atritos.

Na primeira formação, Carlos conta que o grupo era formado por oito meninos. E que este número variou durante os anos seguintes, chegando a colocar até 28 bailarinos no palco, em 2004, na cidade de Curitiba. A maioria dos integrantes viviam na cidade de Cachoeirinha. Assim, Nunes morou por um determinado período na mesma cidade, facilitando seus encontros e ensaios com o grupo. Para mais, Nunes ainda conta sobre um dos seus principais bailarinos:

[...] É, isso foi a partir do Jackson. Ele que trouxe. Ele era Bboy mesmo de raiz [...] E ele trouxe essa essência do Bboy, sempre foi um bailarino extraordinário nessa área aí. Depois vieram outros que até aprenderam com ele, e ele tinha informações eles eram meio underground, eles eram meio guardiões.

Desta forma, o meio para entrar no grupo, era a indicação. Na época, as vias de comunicação eram mais escassas, e a informação era passada “boca a boca”, assim sendo, cada bailarino ia trazendo outro, de forma a se integrar no grupo Batida de Rua:

[...] Um cara que me ensinou a dançar Locking, Popping... “Pacal” era o apelido dele, o nome dele eu não me lembro, ele pegou um dia e levou o Jackson lá no ensaio. No nosso ensaio em Cachoeirinha. Aí ele firmou no grupo. Foi um cara que acrescentou muito. Aí um foi trazendo o outro “ah conheço o fulano”, sempre indicação né “ah cara tu conhece um cara assim?”, “bah conheço”, então eu já começava a pensar em perfil, começava a estudar as danças [...].

Nunes conta também, que a frequente circulação no quadro de componentes do grupo, também ocorria por situações de drogas e violência. Ele diz ter perdido alguns bailarinos em função deste meio. Em relação aos personagens, o diretor e coreógrafo conta que naquele momento, ele não se recordava do nome de todos os bailarinos que passaram pelo Batida de Rua, devido ao fato de terem sido muitos. Porém, ele lembra e cita o nome de alguns, como: Cristiano Bastos que levava o apelido de “Bisnaga”, o “Dunga”, Getúlio Viana ou “Jet”, Chico, os irmãos “Pinela” e “Motor”, Fernando, o Cigano, Michel de Paula ou Tinho, o Jackson, Plínio Viana ou “Boca”, Carini Pereira, Flávio “Gã” e o Edson.

Em sua entrevista, Carlos comenta de forma constante, a importância que

cada bailarino teve durante a trajetória do Batida de Rua. Ele conta que cada um trazia consigo uma bagagem diferenciada, e assim, todos colaboravam, a sua maneira, para o desenvolvimento do grupo e das criações coreográficas.

[...] Eles contribuíram, eles passaram a contribuir. É muito melhor mais pessoas pensando em algo de uma coisa só, do que um só. Eu nunca fui chefe de um grupo, eu sempre procurei ser líder, escutar as pessoas. E saber o que é melhor pro grupo entendeu? [...]

Nunes relata, sobre como cada bailarino somava nas criações do grupo, e fala também, sobre a inserção da dança Bboy em coreografias para palco:

[...] Aí ele foi, humilde, trabalhador um talento que levou mais outros Bboys que também acrescentaram um monte, e a gente que estudava, a gente foi o primeiro a botar na coreografia. Não foi o primeiro a dançar Bboy, foi o primeiro a botar coreografia de Bboy no palco assim. Coreografado né. Então assim a gente dançava todos os estilos de Dança de Rua numa coreografia. Existem vídeos né que mostra. Então assim, cada um que era especialista em sua área fazia aquilo, a gente somava um todo. Era muito interessante [...]

Figura 2 – O Grupo Batida de Rua: Personagens

Fonte: A autora (2016).

Para uma melhor compreensão, os personagens citados na análise da entrevista de Carlos Nunes, foram dispostos no organograma acima. Corroborando os objetivos desta pesquisa, alguns personagens puderam ser identificados na trajetória do grupo Batida de Rua. Porém, é necessário esclarecer que estes não foram os únicos nomes que compuseram a história do Batida de Rua, mas foram as figuras que emergiram da narrativa do diretor e coreógrafo do grupo.

3.3 A DANÇA DE RUA NO RIO GRANDE DO SUL: A IMPORTÂNCIA DOS FESTIVAIS DE DANÇA

Ao tratarmos sobre a presença dos festivais de dança na modalidade Dança de Rua, é possível perceber o grande reconhecimento que estes eventos trouxeram para o surgimento, expansão e ascensão dos grupos de dança, até os dias atuais.

Com os materiais cedidos, somado às informações do entrevistado Carlos Nunes, foi possível verificar a constante presença do Grupo Batida de Rua em Festivais de Dança. De acordo com Carlos, foi através destes eventos que o grupo firmou sua identidade e conquistou seu espaço nesta área. Para mais, o estudo aprofundado do diretor, nas técnicas da Dança de Rua, junto aos conhecimentos prévios de cada integrante do Batida de Rua, fez com que o grupo obtivesse respeito e valorização de seus trabalhos. Com isso, o Batida de Rua tornou-se referência no Rio Grande do Sul, inspirando também o surgimento de outros grupos de Dança de Rua.

Deste modo, Carlos acrescenta:

[...] E viu os festivais crescer, viu essa mudança, porque quando a dança começou era um preconceito, era a gente tinha quase que implorar pra dançar. E no final as pessoas nos ligavam, nos pagavam, nos respeitavam, era a modalidade que já lotava os festivais, era mais esperada nos festivais. E isso foi legal de ver nesses 10 anos, mais de 10 anos, essa evolução da cultura [...].

Este fato corrobora a escrita de Porto (2010), estabelecendo que a Dança de Rua está intimamente ligada ao ensino em escolas de dança, criação de grupos de dança e competições em festivais. Esse pensamento, vai de encontro à fala de Carlos Nunes, apresentada por Natália Porto (2010, p.45):

[...] E no Rio Grande do Sul, o Batida de Rua cresceu muito. Porque quando nós estávamos em outros lugares levando o nome do nosso estado, sempre fomos respeitados e admirados [...]. [...] Talvez hoje em dia o pessoal do Ballet diga “eu amo Street” [...], mas algumas escolas tradicionais antes não queriam ver. Hoje elas abrem as portas porque senão elas perdem os alunos delas pro Street [...].

Ademais, as premiações em diversos festivais, não só divulgou o nome do grupo, como também a cidade de Cachoeirinha. Em uma de suas entrevistas para o jornal Pioneiro, em outubro de 1997, Carlos significa a experiência de dançar como “uma forma de gastar energia e fugir de coisas ruins a que estamos expostos”. Desta forma, nota-se uma semelhança entre a história da Dança de Rua norte americana,

com o início da trajetória do grupo Batida de Rua, no sentido de buscar através da dança, um enfrentamento dos pré-conceitos existentes na sociedade.

Dentre as diversas conquistas, Nunes cita em sua entrevista os principais festivais que o Batida de Rua participou: Prêmio Sogipa para Dança, Festival Bento em Dança, Santa Maria em Dança, Porto Alegre em Dança, Copa Brasil e Sul Americano de Hip Hop, Festival de Dança de Joinville, Festival Internacional de Hip Hop.

Ratificando a fala de CIRINO (2005) apud LAUXEN e ISSE (2009), é importante destacar que após muita polêmica, o primeiro festival a criar a categoria Dança de Rua, foi o Festival de Dança de Joinville. Fato este, que ocorreu no ano de 1995, na cidade de Joinville em Santa Catarina, e permanece no evento até a atualidade.

Quadro 3 – Personagens: Trajetórias a partir do Batida de Rua

Personagem - nível I	Grupo Pós Batida de Rua	Personagem nível II	Grupo, ou Companhia – Nível II	Grupo, ou Companhia – Nível III
Amally Remor Rossi	NEW SCHOOL DREAMS (Porto Alegre)			Projeto Social MUDANÇA – (Veranópolis - RS)
Carini Pereira	ART & DANÇA (Canoas)			Canoas Coletivo de Dança (Canoas - RS)
Flávio Cruz	ADOLESCER – Espetáculo (Porto Alegre)			Adolescer – Espetáculo (Porto Alegre – RS)
Getúlio Viana (Jet)	TROUP URBANA – Fundador - (Cachoeirinha – RS); JET PROJECT (Caxias do Sul)	Diego Santos;	- Slum Crew (CXS); - CIA Municipal de Dança de Caxias do Sul;	CIA Matheus Brusa (CXS)
		Thiago Roque	- Slum Crew (CXS);	CIA Municipal de Dança de Caxias do Sul;
Gustavo Silva	NEW SCHOOL DREAMS (Porto Alegre)		New School Dreams (Porto Alegre – RS)	New School Dreams (Porto Alegre – RS)
Leandro Tossi Rigelo	URBAN FACE (Canoas)	Lucas Tossi Rigelo	Urban Face (Canoas – RS)	Urban Face (Canoas – RS)
		Renann Fontoura	Urban Face (Canoas – RS)	Fresh Bones (RJ) e Grupo de Rua de Niterói (RJ);
		Leonardo Patro	Urban Face (Canoas – RS)	Canoas Coletivo de Dança (RS)
Michel de Paula Silveira (Tinho)	ADOLESCER (espetáculo)			Moscow – Rússia
Mickael Ramos	ART & DANÇA (Canoas)		- Rede Globo	- Lorena Simpson (RJ); - Empresa Wegroup (RJ)
Plínio Viana	TROUP URBANA (Cachoeirinha)	Dennis Oliveira;	CIA Municipal de Dança de Caxias do Sul;	CIA Municipal de Dança de Caxias do Sul;

		Dioy Viana	Troup Urbana	Troup Urbana
		Diego Viana	- Cupcake Dope; Simple Life	Diego Viana e Thais Lopes (Cachoeirinha – RS)
		Thais Pereira Lopes	(Cachoeirinha – RS)	
William Freitas	ART & DANÇA (Canoas)		Muovere CIA de Dança Contemporânea (Porto Alegre – RS)	Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna (RJ)

Fonte: A autora (2016)

Este quadro foi construído a partir da minha entrada no âmbito da Dança de Rua. Com as vivências de escuta e conversas, em cursos, festivais, apresentações e eventos em geral, pude dispor alguns dos personagens aos quais tive contato direto ou indireto nesse ramo da dança. Clarificando, as informações apresentadas podem e devem ser modificadas futuramente. Em meu planejamento como pesquisadora, tenho como meta preencher este quadro de maneira mais aprofundada, buscando novas informações que corroborem, modifiquem ou complementem a atual pesquisa.

Assim, a primeira coluna “Personagem - nível I”, corresponde aos bailarinos que tiveram participação, mesmo que por curto período de tempo, no grupo Batida de Rua. A segunda coluna refere-se à constituição de grupos a partir, também, da experiência de dançar no Batida de Rua. Já a terceira coluna, são os bailarinos que fizeram parte dos grupos dispostos na segunda coluna “Grupo Pós Batida de Rua”. Em seguida, na quarta coluna, estão dispostos os grupos ou companhias de dança em que os “Personagem – nível II” participaram, ou, grupos e companhias de dança criados a partir dos “Personagem – nível II”. Por fim, a última coluna corresponde ao local de atuação, que os personagens da terceira coluna “Personagem – nível II”, encontram-se atualmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa documental, aliada à análise da entrevista, nota-se que o manifesto e expansão da Dança de Rua no Rio Grande do Sul possui uma semelhança com a construção histórica da Dança de Rua norte americana. Por ser uma dança com raízes na cultura negra, e que teve sua propagação com maior intensidade nas camadas pobres da sociedade, alguns personagens tiveram que enfrentar situações de preconceito, para conquistar seus espaços no universo da dança. Este fato pôde ser constatado nas falas de Carlos Nunes, ao contar sobre a trajetória inicial do grupo Batida de Rua.

Entretanto, pode-se perceber que no Sul do Brasil, as disputas por espaço e reconhecimento ocorreram através dos festivais de dança. Enquanto nos bairros do Bronx (EUA), deu-se por meio das disputas territoriais e, mais tarde, através das competições pacíficas de dança. Também foi possível verificar o quão imprescindível foi o papel da mídia na propagação da Dança de Rua no Rio Grande do Sul. A aparição de vídeos e filmes, somado às dificuldades de obter informações presenciais, fizeram com que os dançarinos da época, procurassem constantemente novas informações e possibilidades de movimentações relacionadas à Dança de Rua, através das mídias.

Foi possível notar que a modificação do termo Dança de Rua para Danças Urbanas esteve ligada aos movimentos de competição em festivais de dança. O surgimento de diferentes técnicas e a evolução dos meios de comunicação possibilitaram um maior entendimento das novas formas de manifesto corporal em dança. Com isso, a criação da categoria Danças Urbanas em diversos festivais propiciou um ambiente adequado para receber os novos estilos e técnicas que emergiam na linha das Danças de Rua.

As informações obtidas na entrevista com Carlos Nunes permitiram verificar também a constante presença do Grupo Batida de Rua, em Festivais de Dança. Através dessas participações, o grupo pôde firmar sua identidade e conquistar seu espaço no meio artístico e cultural, principalmente no sul do Brasil.

A coleta e a análise dos percursos de alguns grupos de Dança de Rua do Rio Grande do Sul, viabilizaram a construção de uma rede, expressa nesse estudo por

meio de quadros e organogramas. Esta rede tinha como objetivo interligar o surgimento de novos grupos de dança no Rio Grande do Sul, com os personagens que participaram do Batida de Rua. Assim, notou-se que esta ligação é adequada, permitindo perceber a relevância do Batida de Rua como motivador na emergência e expansão de grupos de Dança de Rua no Rio Grande do Sul.

O presente estudo cumpriu parte dos objetivos propostos. O segundo problema de pesquisa, relacionado aos personagens que fizeram parte da trajetória do Batida de Rua, pôde ser clarificado. Já em relação à investigação do período proposto, do ano de 1997 a 2009, sinto a necessidade de continuar averiguando informações. Escolho então, neste momento, me posicionar sobre a necessidade de continuar pesquisando através da história oral, mantendo meu intuito de trazer novas informações acerca da Dança de Rua no Rio Grande do Sul, ou complementar as existentes. Assim, acredita-se que este estudo pode contribuir no conhecimento sobre a trajetória do Batida de Rua, dos grupos e dos personagens que fizeram - e fazem, parte da história da dança cênica, no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- AZEVEDO, Amailton Magno Grillu e da SILVA, Salloma Salomão Jovino. **Os sons que vêm das ruas**. In: ANDRADE, Elaine N. de (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, p. 65-81, 1999.
- CIRINO, Marcelo. **10 anos de dança de rua em festivais**. **Jornal Dança Brasil**. Diretor Ivan Grandi, ano XIV, p. 7-9, jan. 2005.
- Dantas, Mônica. **A pesquisa em dança não deve afastar o pesquisador da experiência da dança: reflexões sobre escolhas metodológicas no âmbito da pesquisa em dança**. Revista da Fundarte n.13/14, janeiro/dezembro, 2007, p. 13-18.
- DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em 06 de Novembro de 2016.
- GUARATO, Rafael. **História e Dança: Um olhar sobre a cultura popular urbana**. 2010. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, 2010. p. 47-139.
- GUSTSACK, Felipe. **Hip Hop: Educabilidades e Traços Culturais em Movimento**. 2003, p. 36 – 92. Porto Alegre. Tese de Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003. p. 36-57.
- LAUXEN, Patrícia; ISSE, Silvane Fensterseifer. Contextos da Dança de Rua: Um pouco de história e práticas docentes. Revista Destaques Acadêmicos CCHJ/Univates, Lajeado, ano 1, n. 2, 2009. p. 71-80.
- MORAIS, Armando de. **Dicionário de Inglês - Português**: dicionários editora. 3ª Edição, Portugal: Porto Editora, 1998.
- PORTO, Natália Athayde. **A Dança de Rua em Academias e Escolas de Dança de Porto Alegre: Do início até a atualidade**. 2010. p. 7-55. Porto Alegre. Trabalho de Conclusão de Curso Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- RECKZIEGEL, Ana Cecília de Carvalho. **Dança de Rua: Lazer e cultura jovem na Restinga**. 2004. p. 12-54. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- RODRIGUES, Marco Aurélio Júlio. **Uma proposta metodológica para a Dança de Rua**. 2006. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Dança pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

SANTOS, Analu Silva dos. **Dança de Rua: A dança que surgiu nas ruas e conquistou os palcos**. 2011. p. 17-34. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

UFRGS. **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Escola de Educação Física**. Porto Alegre, UFRGS, 2011.

UNIVERSAL ZULU NATION - Site Oficial. **O pai de um movimento cultural chamado Hip Hop**. São Paulo, 2012.

Disponível em: <http://zulunationbrazil.blogspot.com.br/2012/11/o-pai-de-um-movimento-cultural-chamado_11.html>. Acesso em 23 de Agosto de 2015.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Biblioteca setorial de Educação. **Orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos: dissertações, teses, TCG de Pedagogia, TCE de Especialização**. Organização de Ana Gabriela Clipes Ferreira... [et al.]. Porto Alegre, 2014.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bibedu/2014%20ORIENTACOES%20PARA%20ELABORACAO%20DE%20TRABALHOS%20ACADEMICOS.pdf>>. Acesso em 10 de Junho de 2016.

VARGAS, Soyane. **Diferentes linguagens na educação física: Projeto Hip Hop na Escola. Relato de experiência**. Revista Digital Efdeportes. Buenos Aires, Ano 10, N° 90. Novembro de 2005.

Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd90/hiphop.htm>> Acesso em 23 de Agosto de 2016.

VITORINO, Sônia M. Batista. **Hip Hop na Escola**. Maringá, 2008.

Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2428-6.pdf>>. Acesso em 26 de Agosto de 2016.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- Descreva sua trajetória na dança. Quais foram suas principais influências (pessoas, grupos, professores)? Atuou em grupos de Dança? Se sim, quais?
- Como você se sente ou situa em relação às mudanças nas nomenclaturas “Street”, “Dança de Rua” e “Danças Urbanas”?
- Como você vê a Dança de Rua no Rio Grande do Sul?
- Há algo mais que você queira dizer?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1 Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar da pesquisa “ A Dança de Rua no Rio Grande do Sul a partir da trajetória do Grupo Batida de Rua de 1997 à 2009.”, vinculada ao Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que tem por finalidade investigar a Dança de Rua no Rio Grande do Sul, no período de 1997 até 2009, buscando registrar acontecimentos históricos e identificar os principais personagens que constituíram este cenário de dança no Estado. Se você aceitar participar da pesquisa, a mesma se dará através de uma entrevista.

2 Participantes: O principal responsável pela pesquisa é a Professora Dr.^a Mônica Fagundes Dantas, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP 90690-200, ou pelo telefone: (51) 30085868.

3 Sobre a entrevista: Trabalharemos com entrevista individual semi-estruturada, com duração entre 30 a 80 minutos, para colher informações sobre a trajetória da Dança de Rua no Rio Grande do Sul, e os personagens que fizeram parte desta construção. Esta entrevista será realizada em encontro pré agendado. A entrevista será gravada, depois transcrita e posteriormente será enviada a você para que possa conferir o que foi registrado. Se você julgar pertinente, poderá retirar ou acrescentar alguma informação ao texto fornecido.

4 Riscos: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

5 Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pela professora responsável pela pesquisa e por seus colaboradores (bolsistas de iniciação científica) para a elaboração/publicação do relatório de pesquisa, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS.

6 Benefícios: ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios para uma análise mais consistente do papel histórico e cultural desempenhado pela Dança de Rua no Rio Grande do Sul

7 Despesas: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Após estes esclarecimentos, venho solicitar o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu _____ fui suficientemente informado a respeito do que li, descrevendo o estudo “ **A Dança de Rua no Rio Grande do Sul a partir da trajetória do Grupo Batida de Rua de 1997 à 2009**”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

Assinatura do sujeito

Local

____/____/____
Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável legal pela pesquisa

Local

____/____/____
Data

APÊNDICE C – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE AS ENTREVISTAS

Pelo presente documento, eu, _____

_____, CPF nº _____, declaro, ceder ao Centro de Memória do Esporte da

Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista que prestei ao Projeto *A Dança de Rua no Rio Grande do Sul a partir da trajetória do Grupo Batida de Rua de 1997 à 2009*.

O Centro de Memória do Esporte fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, a mencionada entrevista no todo ou parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso à mesma para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado

ANEXOS

FIGURA 1 – Logo do Grupo Batida de Rua



Fonte: Acervo Pessoal

FIGURA 2 – Batida de Rua com participação especial no Encerramento do Sul em Dança 2012.



Fonte: Acervo Pessoal

FIGURA 3 – Logo Trem do Sul



Fonte: Acervo Pessoal.

FIGURA 4 – Grupo Trem do Sul – Alguns integrantes.



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 5 – Logo Troup Urbana



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 6 – Troup Urbana no Festival Overdose Hip Hop 2012. Fotografia de Viviane Bassols



Fonte: Viviane Bassols Fotografia.

FIGURA 7 – Logo Urban Face



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 8 – Família Urban Face: Integrantes pela lente do fotógrafo Angelo Roque



Fonte: Angelo Roque.

FIGURA 09 – Logo Urban Kings 7T.



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 10 – Urban Kings 7T – Integrantes 2013. Fotografia de Angelo Roque.



Fonte: Angelo Roque.

FIGURA 11– Logo Art & Dança.



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 12 – Art & Dança – Festival de Danças de Joinville 2008.



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 13 – Logo Jet project



Fonte: Acervo pessoal.

FIGURA 14 – Jet Project: Integrantes



Fonte: Acervo pessoal.